

O PENSAMENTO DE SADE NOS LIMITES RETÓRICO-FILOSÓFICOS DA ÉPOCA MODERNA

Daniel Wanderson Ferreira¹

Resumo: Este artigo propõe uma leitura dos escritos de Donatien de Sade a partir de práticas retórico-filosóficas vigentes no fim da Época Moderna. Assim, apresenta-se primeiramente a tradição crítica contemporânea aos textos de Sade e como ela ajuda a compreendê-lo. Depois aponta-se, dentre as noções de romance disponíveis naquele momento, aquela que ele adotou em seus trabalhos. Por fim, identifica-se a forma do herói nos romances de Sade, vendo-a como um elemento dessas molduras retórico-filosóficas.

Palavras-chaves: Donatien de Sade – século XVIII – molduras retórico-filosóficas.

Como se aproximar de Donatien Alphonse François de Sade senão por meio de seus textos? Pomos essa questão, já sabendo da dificuldade de lidar com esse pensador, que foi também transformado em personagem, como se ele tivesse ganhado, ainda em vida, um duplo de si. Além disso, haveria ainda uma opacidade dos textos de Sade que pode ser creditada às inflexões dos parâmetros de leitura de suas proposições. Em torno desses escritos e narrativas surgiram debates e também confrontos de opiniões que, em pouco tempo, terminaram por alterar a compreensão das ideias de Sade. Isso se dá talvez em virtude das mudanças ordinárias da experiência revolucionária, talvez de um processo mais amplo do qual participam as transformações experimentadas na segunda metade do século XVIII e no início do século XIX, ou, ainda, essas questões podem se somar à emergência de novas conformações ético-sociais.

Por ora apenas esboçamos tentativas de uma aproximação de Sade, já que temos clareza de que a tarefa de lê-lo historicamente é bastante difícil. Trata-se do esforço de se aproximar de uma operação escritural, com vistas a perceber os limites de manipulação da linguagem e de construção do pensamento. De modo mais claro, nosso objetivo é espreitar o confronto de Sade com a própria mudança de seu tempo. Buscamos pensar, assim, os limites retórico-filosóficos que se punham diante dele ou, para lhe dar um papel ativo e protagonismo, podemos

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: daniel_ferreira_bh@hotmai.com.

dizer que tentamos ver quais limites Sade encontrava para se expressar, e com os quais negociava para operar a linguagem e construir seu pensamento e narrativas.

1 – Notas sobre a tradição crítica, 1791-1814

Essa recolocação dos textos de Donatien de Sade em cena implica, inicialmente, entender parte dos movimentos de construção da ideia geral que se tinha sobre o pensador. Muito embora aqui nosso objetivo não seja o de acompanhar a tradição crítica de leitura de seus textos, parece-nos importante apontar de forma concisa alguns desses parâmetros, principalmente em atenção ao período em que ele estava vivo.²

Somente em 1791, com *Justine, ou les Malheurs de la vertu*, Donatien de Sade estreou no mundo literário, apesar de ele já ser uma figura conhecida, dados alguns escândalos em que estivera envolvido, bem como em função de algumas incursões como autor de peças de teatro. O texto foi publicado sem indicação de autoria e recebeu uma crítica dúbia na *Feuille de correspondance du Libraire*. De um lado, aceitava-se que o romance estava baseado na necessidade de se conhecer o horror do vício, como que para produzir um antídoto. De outro, havia reservas a serem feitas ao texto porque os jovens inexperientes poderiam não perceber as cores do mal, tão encantadoramente apresentadas, envenenando-se. Em resumo, a crítica assumia uma postura moralizante.

Em *Affiche, annonces et avis divers, ou Journal général de France*, de setembro de 1792, o tom indicava mudanças. *Justine* era visto como um veneno do qual se deveria fugir, o que se repetiu em 1794 na *Correspondance littéraire*, que indicava o romance como o livro mais perigoso e abominável. Por fim, a partir 1798, ao publicar *Anti-Justine*, Restif de la Bretonne buscava não apenas se contrapor a Sade, mas encobri-lo definitivamente com a apresentação do que julgava ser um guia do prazer. Ao mesmo tempo, dava ciência de que conhecia o infame Donatien de Sade, autor de *Aline et Valcour*, *Le boudoir* e *La théorie du libertinage*.

Essa tendência de rejeição de Sade, julgado infame e crescentemente visto como demoníaco em seus textos malditosos, terminou se afirmando definitivamente com *Les crimes de l'amour, nouvelles héroïques et tragiques*, publicado em 1800. Esse livro ganhou como resenha um comentário que lhe qualificava como um livro detestável e escrito por um homem suspeito de ser autor de outro livro ainda mais horrível. Enfim, a rejeição crescente ao pensador parecia

² Sobre a tradição crítica, ver DELON, M. Introduction (p.IX-LVIII). In SADE. Œuvres, t.I; DELON, M. Les vies de Sade, t.I; LAUGAA-TRAUT, F. Lectures de Sade; FERREIRA, D. W. Múltiplos Sades (p.78-107). In Matrizes discursivas do pensamento de Sade. Os dados apresentados nesta seção estão baseados nesses textos, principalmente no capítulo 2 de nossa tese de doutoramento.

anunciar o encarceramento definitivo e final de Donatien de Sade, em 1801, em Charenton, onde ele viveria até falecer em 1814.

Contudo, em que pesem essas observações críticas de leitura dos textos de Sade entre 1791 e 1801, quando os últimos volumes relativos a história das irmãs Justine e Juliette foram publicados,³ parece-nos fundamental apontar os impasses da crítica. Ela ainda conseguia ver em Sade os elementos moralizantes, em uma espécie de compreensão de que o remédio e o veneno participavam da mesma natureza. Ao mesmo tempo, é significativo notar nessa mesma década de 1790 a emergência de uma nova forma de romance libertino à moda de Restif. Afinal, pode-se ver nessa proposta alternativa um alinhamento com as novas tendências sociais que tendiam a rejeitar definitivamente boa parte das proposições apresentadas nos textos de Sade. Ela anunciava ainda a emergência de uma nova forma de ideia de comportamento, marcada por valores e ética mais burgueses e que, segundo Souiller, lidavam com a composição ficcional em caráter mais imediatamente relacionado com os parâmetros do que se entendia (e de certa forma ainda se entende) ser o real como inventário do que se vive.⁴

Nesse sentido, a emergência da carreira de Sade como autor poderia ser vista em paralelo com a própria dinâmica de reconfiguração da sociedade francesa em fins do século XVIII. Se, de um lado, dificilmente se pode reduzir a um único aspecto as práticas cotidianas e ordinárias à dinâmica político-revolucionária, de outro, é complicado lidar com os eventos da década de 1790 sem pensá-los a partir das novas simbologias e práticas retóricas que davam outro sentido à sociedade emergente, politizando-a em suas relações.⁵

Esses elementos da crítica a Sade e sua crescente rejeição poderiam ser confrontados com a emergência da ideia de Antigo Regime no verão de 1789 e, também, com os eventos que culminaram no 21 de setembro de 1792 com a abolição da realeza e, a partir de proposição votada pela Convenção no dia seguinte, a adoção do ano I como o marco de um novo nascimento político, produzido por meio da proclamação da República Francesa.⁶ Se entendermos que os cenários das narrativas de Sade apresentavam dilemas de definição entre o mundo aristocrático e os novos debates sobre a igualdade e a natureza da política republicana,⁷ percebemos que haveria aí um cruzamento instigante de processos paralelos e imbricados que participavam dos espaços de reconfiguração da dinâmica sociopolítica da França revolucionária,

³ Cf. DELON, M. La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu. Notice. In SADE. *Œuvres*, t.II, p.1261-1262.

⁴ Voltaremos a esse ponto mais adiante. Por ora, apenas o anunciamos. Cf. SOUILLER, D. *La nouvelle en Europe de Boccace à Sade*, p.75-76.

⁵ Cf. HUNT, L. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*, p.34-35

⁶ Cf. FURET, F.; HALÉVI, R. Introduction. In *Orateurs de la Révolution Française*, p.LIX et seq. GOUDECHOT, J. *A Revolução Francesa, 1787-1799*, p.127.

⁷ Cf. DEPRUN, J. *La philosophie dans le boudoir*. Notice. In SADE. *Œuvres*, Tomo III, p.1266.

aspecto que aqui nos escapa, inclusive porque demanda bastante cuidado e pesquisas mais detalhadas de uma documentação ainda dispersa sobre a vida de Sade.

2 –Sade em meio ao mundo dos romances

Os dilemas visualizados pela tradição crítica de Sade apenas contornam os textos, fazendo-nos perceber um certo impasse de compreensão e leitura, o que evidencia a indefinição dos processos históricos, como se esses estivessem cercados de certo apagamento proporcionado pela disputa discursiva.⁸ Porém, esses dilemas aparecem também imbricados às narrativas da história das irmãs Justine e Juliette, bem como aquela relativa ao processo educativo da jovem Eugénie, produzindo um complexo sistema de delimitações de enredos. Na aparente dispersão da reescritura de *Justine ou les malheurs de la vertu* (1791), *La nouvelle Justine, ou les malheurs de la vertu suivie de l'histoire de Juliette, sa sœur* (1799-1801)⁹ e também em *La philosophie dans le boudoir* (1795), podemos observar alguns elementos de unidade textual que excedem a própria condição de anonimato de sua primeira publicação.¹⁰ Embora seja necessária uma investigação mais detalhada sobre cada um desses textos e seus impasses de produção, um dos pontos fundamentais que os alinhava seria a possibilidade de lê-los como romances de aprendizagem ou de formação.¹¹

O conceito de romance educativo ou de aprendizagem ou ainda, para delimitá-lo melhor, de *Bildungsroman* deve sua origem ao contexto de debates do Romantismo alemão,

⁸ “Assim, as descrições críticas e as descrições genealógicas devem alternar-se, apoiar-se umas nas outras e se completarem. A parte liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; procura detectar, destacar esses princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso. Digamos, jogando com as palavras, que ela pratica uma desenvoltura aplicada. A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas. Chamemos de positividade esses domínios de objetos; e, digamos, para jogar uma segunda vez com as palavras, que se o estilo crítico é o da desenvoltura estudiosa, o humor genealógico será o de um positivismo feliz”. FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, p.69-70.

⁹ De agora em diante, usarei *Justine e Juliette* para me referir a esse conjunto de livros.

¹⁰ Para a aproximação dos textos de Sade, estamos nos valendo da compreensão de Michel Delon ao separar os textos em exotéricos e em esotéricos, ou seja, aqueles que Sade assinava para publicar e aqueles que eram publicados anonimamente. Cf. DELON, M. Introduction (p. IX-LVIII). In SADE. *Œuvres*, Tomo I, p.XXI-XXVII. Ao mesmo tempo, em atenção ao fato de que *Les cent vingt journées de Sodome ou l'École du libertinagem* é um texto inacabado e somente foi publicado em 1904, optamos por não o contemplar nesta análise, mesmo que tenhamos clareza de que esse texto participa da mesma unidade classificatória.

¹¹ Pernot explica que esses termos, embora não sejam idênticos, terminam sendo usados como intercambiáveis. Cf. PERNOT, D. Du « Bildungsroman » au roman d'éducation: un malentendu créateur?, p.110.

principalmente em associação com o romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*), de Goethe, publicado em duas partes entre 1795 e 1796, segundo a leitura que Morgenstern e posteriormente Dilthey fizeram desse texto diante do cenário alemão. Para eles, o termo faria referência a um tipo de romance que apresenta o processo de formação ou educação do protagonista, uma vez que, ao longo da narrativa, o herói avançaria rumo ao amadurecimento de si mesmo (*self*). A ideia é que a narrativa do romance ancoraria a existência de uma forma literária capaz de corresponder tanto aos anseios do indivíduo quanto aos de seu grupo ou classe social, e a grande virtude do romance de formação residiria em sua possível apresentação dos elementos de descoberta da vida privada e do homem cotidiano, ou seja, desses elementos de autoaperfeiçoamento subjetivo e da intimidade produzidos pela ética e sociabilidade burguesas.¹²

A ideia do romance de formação poderia ser expandida, segundo Pernot, a outros textos ficcionais que apresentam o processo de educação de uma personagem, mesmo que externos ao mundo alemão que deu origem à chave de entendimento dos romances de Goethe. Mesmo que a ideia tenha raízes e ancoragens intraduzíveis, afirma-se nessa opinião corrente a defesa de que esse sentido geral poderia servir para expressar tanto a valorização do novo gênero ficcional quanto a capacidade dele de circunscrever e individualizar trajetórias.¹³ Ponto de vista semelhante aparece em Riou, muito embora sua argumentação esteja mais diretamente vinculada ao esforço de compreender os fluxos da historicidade das narrativas do romance na França. Guardadas as devidas diferenças, ele entende como satisfatório o uso do termo romance de formação quando o herói da ficção romanesca é tomado no fluxo da instabilidade de sua vida e tenta ser mestre de seu destino sem, contudo, consegui-lo plenamente.¹⁴

Assim, embora queiramos justamente discutir os impasses da operação retórico-filosófica de Sade, por ora seria interessante uma aproximação do enredo de ambas as narrativas, tomando-as nesse sentido geral e bastante ampliado de unidade. Tanto as histórias das irmãs Justine e Juliette, quanto a história da aprendizagem de Eugénie no gabinete (*boudoir*) de Madame de Saint-Ange poderiam ser vistas a partir dessa prática educativa e desse processo de reflexão sobre a trajetória das personagens. O mesmo se poderia dizer do romance inacabado *Les 120 journées de Sodome*, somente publicado no início do século XX.

Nos romances *Justine* e *Juliette*, Sade propõe-se a contar a história de duas irmãs que ficam órfãs aos quatorze e quinze anos. Apesar das variações produzidas ao longo do processo de reescritura da narrativa em sucessivos romances, Sade apresenta a trajetória de Justine e Juliette a partir desse episódio trágico de perda dos pais. Justine é desde o começo revelada

¹² Cf. MAAS, W. P. *O cânone mínimo*; SUAREZ, R. Nota sobre o conceito de *Bildung* (formação cultural), pp.191-198.

¹³ Cf. PERNOT, D. Op. cit.

¹⁴ Cf. RIOU, D. Naissance du roman moderne au XVIIIe siècle – idéologie, institution, réception. In DARMON, J.-C., DELON, M. *Histoire de la France littéraire*, p.668.

como uma jovem devota e que rejeita os argumentos libertinos da irmã, um ano mais velha que ela. Preferindo a “morte à ignomínia”,¹⁵ Justine segue seu caminho de infortúnios e desgraças, mas buscando se manter virtuosa. Juliette, por sua vez, faz carreira libertina, avançando na trajetória de vício e sucesso. Prospera como cortesã e, aproveitando-se dos saberes que lhes eram dispensados por seus mentores, cresce em sua sabedoria e práticas licenciosas até o momento em que, pelo destino, novamente reencontra sua irmã. O enlace que poderia aparecer como coroamento dessa narrativa sobre a vida de separações entre as irmãs termina, contudo, revelando-se apenas como mais uma oportunidade para que Justine sofra o golpe final de sua trajetória em prol da virtude.

Já em *La philosophie dans le boudoir*, Sade apresenta a história de Eugénie, voltando-se apenas para um episódio de sua vida. A narrativa restringe-se às cenas educativas que acontecem no tocador (*boudoir*) de Madame de Saint-Ange. Nessa espécie gabinete para receber os próximos, antes de entrarem no quarto, acontece essa ação educativa em ritmo acelerado de apenas um dia na vida dessa jovem. Sade escolhe, assim, apresentar Eugénie em seu momento de iniciação pedagógica, visto como preparo para a vida libertina. O texto, ele mesmo de natureza educativa, é organizado em sete diálogos ou cenas que mostram as novas lições vivenciadas pela jovem. No primeiro momento, conhecemos Madame de Saint-Ange e seu irmão, Mirval, assim como ficamos sabendo que Saint-Ange receberá em breve uma jovem, a quem lhe caberá a tarefa de ser preceptora. No segundo ato, Eugénie é vista em seu primeiro contato com Madame de Saint-Ange. Trata-se apenas de um interlúdio entre a abertura da narrativa e o terceiro diálogo, quando, já dentro do gabinete, iniciam-se as lições educativas. Na cena, Eugénie é apresentada a Dolmancé, que, com Saint-Ange, auxilia a jovem a compreender o vocabulário libertino. O processo educativo desenrola-se entre a prática e a teoria, envolvendo as três personagens, até que, ao fim, Mirval retorna à casa de sua irmã Saint-Ange. A chegada de Mirval dá origem ao quarto diálogo, em que predominam as relações práticas. Já no quinto diálogo, o jovem Augustin, jardineiro de Saint-Ange, é introduzido no tocador para auxiliar no processo prático de aprendizagem de Eugénie, pois necessitava-se de um modelo para os exercícios. É nesse diálogo também que Mirval lê para os presentes, salvo para Augustin, que é dispensado e retira-se do espaço, um panfleto político que teria recebido na rua ao se ausentar, no início da trama. O texto que Mirval apresenta a seus colegas é de natureza filosófica e ganha centralidade no diálogo. No momento seguinte, a ação consiste apenas na recepção de uma carta escrita pelo pai da perversa Eugénie, avisando-lhe que a mãe da jovem soube dessa atividade escolar libertina e tomou o caminho da casa de Madame de Saint-Ange com o objetivo de interromper a aprendizagem de sua filha, e salvá-la do vício. No sétimo e último diálogo,

¹⁵ Cf. SADE. “Justine ou les Malheurs de la vertu. La nouvelle Justine”. In *Œuvres*, t.II, p.134 e 398.

Eugénie reforçaria, então, sua posição libertina, punindo sua mãe, Madame de Mistival, por tentar atrapalhá-la em sua trajetória.

As aventuras de vida de Justine e Juliette, e as cenas de aprendizagem da jovem Eugénie não são similares em duração ou desenvolvimento, e nem ocupam Sade em sua prática de escritura da mesma forma. Contudo, o fluxo das narrativas poderia ser visto em paralelo, sendo Juliette colocada em situação especular em relação a Eugénie. Assim, Juliette é desde sempre apresentada por seus artifícios e coquetismo,¹⁶ ou ainda como “cheia de vitalidade, espontaneidade, grande beleza, mal caráter e maliciosidade”,¹⁷ “pervertida como ela tinha desejo de ser”.¹⁸ Eugénie, por sua vez, aparece ao primeiro olhar de Saint-Ange como impossível de ser pintada, pois nem ela nem seu irmão jamais viram algo tão delicioso no mundo.¹⁹ Em seguida, porém, ela é pega de surpresa por encontrar no gabinete de Saint-Ange um homem, o que lhe parecia inesperado, tendo em vista a natureza das aulas que lhe seriam ministradas. Dado ter se sentido envergonhada, deixa-se entrever que a jovem já sabia do tipo de lições que iria receber.²⁰ Segue-se, desse modo, um caminho de entregas, em que Eugénie reafirma estar ali para se instruir e que não queria saber de honra, uma vez que não sentia a menor vocação para a castidade, e sim, a maior disposição para o vício.²¹

Também Justine poderia ser vista face a face com Madame de Mistival, muito embora a aparição da mãe de Eugénie seja apenas insinuada ao longo das cenas de aprendizagem da jovem e, ao fim, termine por se dar de forma meteórica e dramática. Ambas, entretanto, seriam representantes do caráter virtuoso inflexível, e por isso sofreriam as consequências das adversidades de um mundo baseado no crime. Seriam fustigadas e mesmo violentadas de maneira brutal, sendo obrigadas a carregar as culpas e males decorrentes da própria virtude.

¹⁶ « on voyait d'artifice, de manège, de coquetterie dans les traits ». SADE. “Justine ou les Malheurs de la vertu”. In *Œuvres*, t.II, p.133.

¹⁷ « vive, étourdie, fort Jolie, méchante, espiègle ». SADE. “La nouvelle Justine”. In *Œuvres*, t.II, p.397.

¹⁸ « pervertie comme elle avait envie de l'être et pervertie par cette femme ». SADE. “Justine ou les Malheurs de la vertu”. In *Œuvres*, t.II, p.136. Mais adiante : « Juliette a servi la nature (...) ; elle y corrompt entièrement ses mœurs ; le triomphe qu'elle voit obtenir au vice dégrade totalement son âme ; elle sent que, née pour le crime, au moins doit-elle aller au grand et renoncer à languir dans un état subalterne » (p.137-138). De forma geral, os jogos de palavras e as expressões seguem o mesmo fluxo, sendo desnecessário inventariá-las.

¹⁹ « ce serait en vain, mon ami, que j'essaierais de te la peindre ; elle est au-dessus de mes pinceaux, qu'il te suffise d'être convaincu que ni toi, ni moi n'avons certainement jamais vu rien d'aussi délicieux au monde. » SADE. “*La philosophie dans le boudoir*”. In *Œuvres*, t.III, p.10.

²⁰ Cf. SADE. “*La philosophie dans le boudoir*”. In *Œuvres*, t.III, p.14.

²¹ « Pardon, mais tu [Mme de Saint-Ange] sais que je suis ici pour m'instruire. » ; « Non, d'honneur, je ne veux point de celle-là, je ne me sens pas le moindre penchant à être chaste, et la plus grande disposition au vice contraire ». SADE. “*La philosophie dans le boudoir*”. In *Œuvres*, t.III, p.25 e 32. Novamente abandonamos quaisquer tentativas de apenas enumerar exemplos para reiterar o argumento.

Enumerar os paralelos entre os textos de Sade poderia ser ainda uma parte desse processo de compreensão de uma escrita que lida com o inventário de casos, acumulando-os em cifras, o que lhe valeu acusações de monotonia. O tema já foi discutido algumas vezes, principalmente quando se tem em vista *Les 120 journées de Sodome*, e a história das irmãs Justine e Juliette.²² Porém, mais que uma prática de repetição, esse uso constante da retórica da enumeração é uma tópica que remonta à Antiguidade e cujo sentido principal reside em explorar o acúmulo de um conjunto de questões e de objetos. Assim, a estratégia da repetição de termos amplificava os argumentos apresentados, produzindo um princípio demonstrativo de verdade do argumento.²³

Em Sade, a composição do argumento filosófico geral que ele quer desenvolver resulta da lógica do enfrentamento e da apresentação dos casos escolhidos na trajetória das personagens. Concordando com Annie Le Brun em comentário crítico sobre *Histoire de Juliette*, vemos que o ponto fundamental dessa repetição e da enumeração em Sade está ligado à incapacidade da protagonista Juliette em aprender e assimilar alguma coisa ou mesmo transformar-se em uma pessoa diferente. De um extremo a outro de *Juliette*, a heroína seria igual a si mesma.²⁴ Neste sentido, a estrutura repetitiva colocaria Sade diante da incapacidade de operar a lógica retórico-filosófica do romance contemporâneo e, principalmente, do romance de formação segundo a conceituação proposta a partir dos romances alemães.

A questão é complexa justamente porque, em termos históricos, cabe uma aproximação do conceito de romance a partir de critérios pertencentes à França moderna. Na primeira edição do *Dictionnaire de l'Académie Française*, datado de 1694, o romance é definido como uma “obra em prosa, contendo aventuras fabulosas, de amor ou de guerra”, sendo o herói do romance “um homem que agiu em todas as coisas à moda dos Heróis de romance”.²⁵ Já na quarta edição, datada de 1762, o termo já incorporava a referência a “várias histórias antigas, aventuras fabulosas, morais e fábulas escritas em verso”. De igual maneira, o herói passava a ser visto como “um homem que afeta o agir e o falar à maneira dos heróis de romance e de imitá-los em seus modos de fazer”.²⁶

²² Cf. FINK, B. Chiffres, chiffage et déchiffage sadiens (p.89-99); MORAES, E. R. Le chiffre et le corps (p.75-82).

²³ Cf. ECO, U. *A vertigem das listas*.

²⁴ Cf. LE BRUN, A. *Soudain un bloc d'abîme, Sade*, p.291-297.

²⁵ « Ouvrage en prose, contenant des adventures fabuleuses, d'amour, ou de guerre. (...) On appelle, *Heros de roman*, Un homme qui agit en toutes choses à la maniere des Heros de roman ». ROMAN (verbete). In *Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy*. 1 ed., 1694.

²⁶ « On le dit aussi De plusieurs anciennes histoires, d'aventures fabuleuses, de morales, de fables écrites en vers. (...) On appelle figurément, *Héros de roman*, Un homme qui affecte d'agir & de parler à la manière des Héros de roman, & de les imiter en ses façons de faire. » ROMAN (verbete). In *Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy*. 4 ed., 1762.

Em “Idées sur le roman”, ensaio que precede as novelas heroicas e trágicas de *Les crimes de l’amour* (1800), Sade definiu o romance como uma “obra *fabulosa* composta das mais singulares aventuras da vida dos homens”.²⁷ Assim, em consonância com o argumento de Pierre-Daniel Huet no *Traité de l’origine des romans*, publicado pela primeira vez em 1669, Sade indicava entender o romance pela tópica de oposição entre as histórias verdadeiras e inventadas.²⁸ Enfatizava ainda que a utilidade dessas narrativas ficcionais seria a de pintar os homens como eles são, indivíduos orgulhosos que querem ser preservados pelo pincel. Desse modo, “sendo o romance, se é possível assim defini-lo, o quadro dos costumes seculares, [vê-se que ele] é tão essencial quanto a história para o filósofo que quer conhecer o homem”.²⁹

Retornamos, enfim, não ao quadro do romance burguês definido historicamente, a partir do século XVIII, pela emergência e ampliação de uma escrita ficcional que se voltava para os espaços privados, cotidianos e de subjetividade do herói.³⁰ Pelo contrário, nossa volta levamos ao cenário moralista e educativo que tanto parecia estar presente em Sade e que, explicitamente, informava a primeira crítica de *Justine*. A percepção de que haveria um problema e um traço negativo em Sade por causa da repetição e da monotonia da escritura que insiste em mesmos tipos de cenas e personagens, como se estivéssemos lendo um romancista contemporâneo a nós, começa, enfim, a parecer uma crítica sem sentido.

3 – Donatien de Sade, o herói e os limites libertinos

O dilema produzido pelo enigma dessas personagens repetitivas e especulares de Sade coloca-nos diante de um novo questionamento. A segunda metade do século XVIII assistiu à emergência de uma nova forma do romance, atrelada ao sentimentalismo e a uma nova postura moral. Para Souiller, isso se compunha como parte fundamental do cenário filosófico. Se, por um lado, o racionalismo punha-se como um dos eixos centrais do cenário literário, por outro, o sucesso de romances como *La nouvelle Héloïse* ligava-se à expansão de certo sentimentalismo. Nos dois extremos, a percepção de que a narrativa ficcional funcionava como um lugar

²⁷ « On appelle roman, l’ouvrage *fabuleux* composé d’après les plus singulières aventures de la vie des hommes. » SADE. *Les crimes de l’amour*, p.27. Ver também p.29-30.

²⁸ Cf. Idem. Ibidem. p.29-30.

²⁹ « ils servent à vous peindre tels que vous êtes, orgueilleux individus qui voulez vous soustraire au pinceau (...) ; le roman étant, s’il est possible de s’exprimer ainsi, *le tableau des mœurs séculaires*, est aussi essentiel que l’histoire, au philosophe que veut connaître l’homme ». Idem. Ibidem. p.43.

³⁰ Cf. WAIT, I. *A ascensão do romance*; GODOY, J. Da oralidade à escrita. Reflexões antropológicas sobre o ato de narrar (p.36-67). In MORETTI, F. (org.). *O romance, 1. A cultura do romance*; SITI, W. O romance sob acusação (p.165-195). In Idem. Ibidem. TODOROV, T. *A literatura em perigo*, p.45 et seq.

privilegiado para o estudo das paixões e para o debate sobre a razão colocava-se como um ponto fundamental. A distinção entre os novos romances e as fórmulas retórico-filosóficas antigas dava-se, entretanto, pela maneira como se manipulavam as fronteiras entre a realidade e a ficção, e pela forma como a preocupação com a exemplaridade e o modelo ou com a imagem mais cotidiana e interiorizada do herói aparecia nesses romances filosóficos.³¹

Já no prefácio de *La philosophie dans le boudoir*, Sade convocava os libertinos a aceitarem esse texto, alimentando-se dos princípios que favoreciam as paixões tão condenadas pelos moralistas e que ali se mostravam disponíveis. “Às mulheres lúbricas, oferecia a voluptuosa Saint-Ange como modelo; aos amáveis devassos, que desde a juventude não tinham mais outros freios que os próprios desejos, ele apresentava o exemplo do cínico Dolmancé como uma possibilidade”.³² Ao longo dos diálogos, principalmente no início do terceiro, as personagens de Madame de Saint-Ange e Dolmancé ocupavam-se ainda de uma prática pedagógica, ensinando à jovem Eugénie um grupo de verbetes libertinos fundamentais. Assim, passando do conceito de membro ao de polução e daí ao de colos, seios, tetas, buceta, punheta, foder, dentre outros, os verbetes lúgubres eram apresentados, segundo uma lógica que lhes dava o significado como uma espécie de conversa enciclopédica. Ao mesmo tempo, manipulava-se o corpo das personagens envolvidas no processo educativo de Eugénie, para que a compreensão dos verbetes se desse também pela experiência prática.³³ Por fim, Dolmancé perguntaria a Saint-Ange se ela conheceria algum jovem bem robusto que pudesse servir de manequim para lições mais avançadas e relacionadas à prática dos novos conceitos.³⁴

Expressa-se aí um outro conjunto de questões que anunciam claramente os elementos do sistema retórico-linguístico de Sade relativos à composição de seus heróis. De um lado, a obsessão pelas listas, pela aprendizagem minuciosa dos conceitos e pela compreensão que associaria a prática e a teoria enlaçavam-se a essas tipologias de personagens, e, de outro, a apresentação das personagens segundo um jogo de palavras em que o *exemplo*, o *modelo* e o *manequim* evidenciam-se.³⁵

O uso dos termos “modelo” e “exemplo” indica-nos uma pista para compreender a filosofia de Sade em sua relação intrínseca com a percepção das personagens como figuras ou tipos. Segundo edição de 1762 do *Dictionnaire de l'Académie Française*, o verbe *modelo* faria

³¹ Cf. SOUILLER, D. Op. cit., p.64 et seq.

³² « Femmes lubriques, que la voluptueuse Saint-Ange soi votre modèle (...). Et vous, aimables débauchés, vous qui, depuis votre jeunesse, n'avez plus de freins que vos désirs, et d'autres lois que vos caprices, que le cynique Dolmancé vous serve d'exemple ». SADE. “*La philosophie dans le boudoir*”. In *Œuvres*, t.III, p.03.

³³ Cf. SADE. “*La philosophie dans le boudoir*”. In *Œuvres*, t.III, p.18 et seq.

³⁴ « quelque jeune garçon bien robuste, qui nous servirait de mannequin, et sur lequel nous pourrions donner les leçons ». SADE. “*La philosophie dans le boudoir*”. In *Œuvres*, t.III, p.80.

³⁵ Características semelhantes aparecem em *Justine*, *Juliette* e ainda em *Les 120 journées de Sodome*.

referência a uma “exemplaridade, [um] padrão posto em destaque, seja de uma estátua, de uma obra escultórica [ou] de arquitetura, a partir da qual se trabalha para executar aquilo a que se propõe”.³⁶ Já o verbete *exemplo*, conforme apresentado no *Dictionnaire critique de la langue française*, de Jean-François Féraud, edição de 1787-88, não apenas indicava a noção de modelo como um de seus significados, mas ampliava o sentido ao apresentar a relação do exemplo com a imitação ou seu contrário, quando se tratar de um contraexemplo.³⁷ Por fim, o termo *manequim* teria, segundo Michel Delon, um sentido paramédico, indicando uma figura masculina ou feminina, sobre a qual os cirurgiões exerceriam a atividade de aplicação de bandagem ou manipulariam cuidados. É esse, inclusive, o mesmo termo frequentemente empregado para apresentar personagens em *Les 120 journées de Sodome*.³⁸

Em *Justine ou les Malheurs de la vertu*, observamos a presença dessa mesma tópica, e nesse caso a edição do texto de Sade atrelava esse elemento à imagem presente na abertura do romance. Nessa estampa, a Virtude punha-se entre a Luxúria e a Irreligião, e anunciava desde o início a natureza do romance em seu caráter de proposição moralista. O aviso ao leitor reiterava a questão relativa à exemplaridade que se queria manipular, posto que indagasse sobre o direito de se pintar todos os crimes possíveis para lhes fazer detestáveis aos homens.³⁹

Novamente, a ideia de que os heróis em Sade encenam um tipo ideal, um conceito ou um elemento ético-moral são enfatizados, numa espécie de apropriação e diálogo com o discurso libertino. Sade põe, assim, a composição das cenas ficcionais em sujeição à filosofia, e dá destaque à exemplaridade do herói pela boa adequação do texto à forma conceitual. Toda a linguagem e recurso narrativo parecem se voltar para o exame e a exposição do saber crítico, dando o encadeamento do romance. Frente a qualquer possibilidade de anunciar alguma subjetividade, o herói de Sade é colocado em cena como corpo que pode ser feito e desfeito, e acima de tudo, disposto a estar a serviço de uma ideia e de uma crítica que se quer demonstrar.⁴⁰

Desse modo, ao nos depararmos com a forma retórico-filosófica de Sade a partir de seu sentido libertino, evidencia-se um conjunto de tópicos que, mesmo apontando alguns limites ao pensamento de Sade, modulam-no também em um conjunto de possibilidades. A primeira delas

³⁶ « Exemple, patron en relief, soit d'une statue, soit de quelque autre ouvrage de Sculpture, d'Architecture, d'après lequel on travaille ensuite pour exécuter ce qu'on s'est proposé. » MODÈLE (verbeta). In *Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy*. 4 ed., 1762.

³⁷ EXEMPLE (verbeta). In *Dictionnaire critique de la langue française*, de Jean-François Féraud, 1787-88.

³⁸ Cf. DELON, M. Notes e variantes. In SADE. *Œuvres*, t.III, p.1318.

³⁹ « N'a-t-il pas le droit de les peindre tous pour les faire détester aux hommes ? ». Cf. SADE. “Justine ou les Malheurs de la vertu”. In *Œuvres*, t.II, p.127. Sobre a estampa inicial ao romance, ver p.124.

⁴⁰ A noção de que o corpo poderia ser feito e desfeito aparece em Phillips, quando ele apresenta as diversas fustigações pelas quais Justine passa e como ela reaparece, posteriormente, de modo sedutor e refeita em sua beleza. Cf. PHILLIPS, J. *The Marquis de Sade*.

reside na capacidade de radicalizar a ficção, submetendo a imaginação à ideia filosófica. A tradição libertina funciona, desse modo, como um ancoradouro da crítica dos costumes, da lógica racionalista simples, da aceitação resignada da religião e de tantas outras tópicas. Ao operar com cuidado e perspicácia os elementos retóricos, Sade instala um cenário em que os heróis são transformados em corpos e discursos que seguem os ritmos demandados pelas próprias ideias.⁴¹ Decorre daí uma explosão de contradições ou uma pluralidade de vozes que se articulam em diversos pontos de vistas. Em segundo lugar, a própria figura libertina evidencia uma teatralidade do romance de Sade. Sua escritura ficcional tendia a variar os gêneros discursivos, obedecendo ao regime da necessidade do argumento do que ele queria desenhar como ideia.⁴² Por fim, ao compor os heróis apenas como conceitos e exemplos, Sade radicaliza o romance filosófico, colocando-o verdadeira e definitivamente no limite paradoxal da ficção libertina. Sade fez o corpo do herói dobrar-se à performance, e com isso as ideias podem ser vistas em um turbilhão em movimento. No limite do impossível, vemos nisso a defesa de Sade de que a vida é matéria e fluxo contínuo de destruição, ordenamento e destruição. Com isso, a narrativa ficcional de Sade funciona apenas no jogo de atendimento à ideia.⁴³

Neste ponto, terminamos nos encontrando com os limites e impasses resultantes dessa operação retórico-filosófica de Sade, nesse diálogo que ele trava com uma suposta prática libertina. Aqui, entendemos que as possibilidades dessa moldura retórica põem também limites à composição do pensamento. A ideia de vício e virtude como termos antitéticos seriam um desses elementos que Sade se empenha em abolir como dicotomia, e que as formulações retórico-filosóficas operadas por ele terminam evidenciando. Porém, essas são outras questões a serem investigadas. Por ora, parece-nos apenas fundamental perceber a radicalidade com que Sade manipulava as formas retóricas em prol de um fluxo de pensamento, no fim da Época Moderna.

⁴¹ Cf. AUERBACH, E. *Figura*; BERNIER, M. A. *Libertinage et figures du savoir*; DELON, M. *Figures* (p.255-316). In *Le savoir-vivre libertin*.

⁴² Lefort apresenta um argumento instigante sobre a presença de gêneros literários variados em *La philosophie dans le boudoir*, e como isso tem relação com a argumentação filosófica de Sade. Cf. LEFORT, C. Sade: o desejo de saber e o desejo de corromper (247-260).

⁴³ Cf. DEPRUN, J. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d'Holbach (p.331-340); CASTRO, C. C. O gozo energético de Saint-Foind e o poder orgânico, p.58-72.

SADE'S THOUGHT WITHIN RHETORICAL PHILOSOPHICAL LIMITS OF THE MODERN AGE

This article suggests an approach to Donatien de Sade's writings from rhetorical/philosophical practices current at the end of the Modern Age. Firstly, it presents Sade's contemporary critical tradition that helps us to understand his ideas. After that, it indicates, among concepts concerning 'novel' (*romance*) at that moment, the one which he adopted in his works. At last, it identifies traits in the heroes of Sade's novels, considering those traits as an element of rhetorical philosophical frames. Keywords: Donatien de Sade – 18th Century – rhetorical philosophical frames.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Textos de Donatien Alphonse François de Sade

SADE. *Les crimes de l'amour, nouvelles héroïques et tragiques précédées d'une Idée sur les romans*. Edição de Michel Delon. Paris: Gallimard, 1987.

SADE. *Œuvres*. Edição de Michel Delon. Col. Bibliothèque de la Pléiade. Tomo I-III. Paris: Gallimard, 1990-1998.

2. Dicionários e obras de referência

Dictionnaire critique de la langue française, de Jean-François Féraud, edição de 1787-88. Disponível em: < <http://artfl-project.uchicago.edu/content/dictionnaire-critique-de-f%C3%A9raud>>, consulta em 12.dez.2014.

Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy. 1 edição. 1694. Disponível em: <<http://artflx.uchicago.edu/cgi-bin/dicos/pubdico1look.pl?strippedhw=roman&submit=#ACAD1694>>, consulta em 01.dez.2014.

Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy. 4 edição. 1762. Disponível em: <<http://artflx.uchicago.edu/cgi-bin/dicos/pubdico1look.pl?strippedhw=roman&submit=#ACAD1762>>, consulta em 01.dez.2014.

3. Tradição crítica

AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

BERNIER, Marc André. *Libertinage et figures du savoir: rhétorique et roman libertin dans la France des Lumières (1734-1751)*. Québec, Paris: Les Presses de l'Université de Laval, l'Harmattan, 1996.

CASTRO, C. C. O gozo energético de Saint-Foind e o poder orgânico, *Revista (in)visível*, n.zero, p.58-72, 2011.

DARMON, J.-C., DELON, M. (dir.). *Histoire de la France littéraire. Tome 2, Classicismes, XVIIe-XVIIIe siècles*. Paris: PUF, 2006.

DELON, M. *Le savoir-vivre libertin*. Paris: Hachette, 2000.

DELON, M. *Les vies de Sade, I. Sade en son temps, Sade après Sade*. Paris: Textuel, 2007.

DEPRUN, J. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d'Holbach (p.331-340). In KRAUSS, W., POMPEAU, R., GARAUDY, R. et al. *Roman et Lumières au XVIIIe siècle*. Paris: Éditions Sociales, [1970].

ECO, U. *A vertigem das listas*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FERREIRA, D. W. *Matrizes discursivas do pensamento de Sade*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=195865>, consulta em 01.dez.2014.

FINK, B. Chiffres, chiffrage et déchiffrage sadiens (p.89-99). In BOURSIER, N., TROTT, D. (org.). *La naissance du roman en France*. Colloque international tenu à l'Université de Toronto en mars 1988. Paris, Seattle, Tübingen: Wolfgang Leiner, 1990.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FURET, François ; HALÉVI, Ran. Introduction. In *Orateurs de la Révolution Française. I, Les constituants*. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1989.

GOUDECHOT, J. *A Revolução Francesa: cronologia comentada, 1787-1799*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HUNT, L. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LAUGAA-TRAUT, F. *Lectures de Sade*. Paris: Armand Colin, 1973.

- LE BRUN, A. *Soudain un bloc d'abîme, Sade*. Paris: Gallimard, 1986.
- LEFORT, C. Sade: o desejo de saber e o desejo de corromper (247-260). In NOVAES, A. (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, FUNARTE, 2006.
- MAAS, W. P. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Unesp, 2000.
- MORAES, E. R. Le chiffre et le corps (p.75-82). In SCLIPPA, N. (org.). *Lire Sade*. Actes du premier colloque international sur Sade aux USA. Charleston, Caroline du Sud, 12-15 mars 2003. Paris: l'Harmattan, 2004.
- MORETTI, F. (org.). *O romance, 1. A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. SITI, W. O romance sob acusação (p.165-195).
- PERNOT, D. Du « Bildungsroman » au roman d'éducation : un malentendu créateur?, *Romantisme*, n°76, p.105-119, 1992.
- PHILLIPS, J. *The Marquis de Sade: a very short introduction*. Nova Iorque: Oxford, 2005.
- SOUILLER, D. *La nouvelle en Europe de Boccace à Sade*. Paris: PUF, 2004.
- SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). *Kriterion*, vol.46, n.112, pp. 191-198, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200005&lng=pt&nrm=iso>, consulta em 10.nov.2014.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro : DIFEL, 2012.
- WATT, I. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.